

A Destruição como Método de Luta

Anton Pannekoek

A avaliação do incêndio do Reichstag na imprensa comunista de esquerda gera alguns questionamentos. Será que a destruição é um método de luta para os trabalhadores?

Em primeiro lugar, deve ficar claro que ninguém vai lamentar o desaparecimento do Reichstag. Ele foi um dos mais feios edifícios da Alemanha moderna, uma imagem pomposa do império em 1871. Mas há outros belos edifícios e museus cheios de tesouros artísticos. Quando um proletário desesperado destrói algo precioso para se vingar da dominação capitalista, qual deve ser nossa opinião sobre isso?

Da perspectiva revolucionária, o gesto aparece como sem sentido e poderia ser qualificado, sob vários pontos de vista, como um gesto negativo. A burguesia não foi minimamente afetada por este acontecimento, já que destrói continuamente as coisas sempre que isso pode lhe render lucro e ela sempre coloca o dinheiro-valor acima de tudo. Este tipo de gesto afeta especialmente os estratos mais baixos de artistas e admiradores de coisas belas, e os melhores entre eles frequentemente possuem sentimentos anticapitalistas, e alguns dos quais (como William Morris e Herman Gorter) lutaram ao lado dos trabalhadores. Contudo, há razão para se vingar da burguesia? Por acaso a burguesia tem a tarefa de gerar o socialismo ao invés de capitalismo?

É seu papel de manter todas as forças do capitalismo em seu lugar; a tarefa de destruir tudo é do proletariado. Disto se deduz que, se alguém é responsável pela manutenção do capitalismo, é a própria classe operária por negligenciar demasiadamente a luta. Por fim, a quem estamos privando de uma determinada coisa

mediante sua destruição? Os proletários vitoriosos que um dia serão os donos de todas essas coisas.

Naturalmente, a luta de uma classe revolucionária, quando gera uma guerra civil, sempre provoca destruição. Em qualquer guerra é necessário destruir os pontos de apoio do inimigo. Ainda que o ganhador tente evitar a destruição em demasia, o perdedor se verá tentado a causar destruição desnecessária por puro rancor. É provável que, até o final da luta, a burguesia decadente causa uma grande destruição. Por outro lado, para a classe operária, a classe que assumirá o controle lentamente, a destruição jamais será um método de luta. Ao contrário, buscará deixar um mundo tão rico e intacto quanto seja possível para seus descendentes, a humanidade futura. Este é não só o caso dos meios técnicos que podem ser melhorados e aperfeiçoados, mas especialmente dos monumentos e das memórias das gerações passadas que não podem ser reconstruídas.

É possível contradizer estas afirmações dizendo que, em uma nova humanidade, os portadores da liberdade e de uma fraternidade inigualável, criarão coisas muito mais belas e imponentes que as dos últimos séculos. Além disso, a humanidade recém libertada desejará desaparecer os restos do passado, representantes do seu anterior estado de escravidão. Isto é o mesmo que a burguesia revolucionária fez – ou tentou fazer. Para ela, toda a história anterior era nada mais do que a escuridão da ignorância e da escravidão, enquanto a revolução foi dedicada à razão, ao conhecimento, à virtude e à liberdade. O proletariado, pelo contrário, considera a história de seus antepassados de uma forma completamente diferente. Com base no marxismo, que compreende o desenvolvimento da sociedade como uma sucessão de modos de produção, percebe que a humanidade, através de uma longa e duradoura anexação, com base no desenvolvimento do trabalho, de ferramentas e formas de trabalho no sentido de uma produtividade cada vez maior. Esse processo se inicia com as sociedades primitivas simples, depois através das sociedades de classes com sua luta de classes, até o momento no qual, através do comunismo, o ser humano se torna dono do seu próprio destino. E, em cada período deste desenvolvimento, o proletariado encontra elementos que expressam a natureza humana.

Na pré-história bárbara: os sentimentos de fraternidade e a moralidade da solidariedade do comunismo primitivo. No trabalho manual pequeno-burguês: o amor ao trabalho expresso na beleza dos edifícios e dos utensílios para o uso diário que seus descendentes veem como obras primas incomparáveis. Na burguesia ascendente: a sensação orgulhosa da liberdade que proclamou os direitos do homem e foi expressa nos trs dos maiores nomes da literatura mundial. No capitalismo: o saber sobre a natureza, o desenvolvimento inestimável das ciências naturais que permitiu ao homem, através da tecnologia, dominar a natureza e seu próprio destino.

Em cada um desses períodos, estes traços fundamentais da natureza humana estavam unidos e próximos da crueldade, superstição e egoísmo. São esses vícios que, mais exatamente, combatemos. Eles são obstáculos para nós e que por isso recusamos. Nossa concepção de história nos ensina que essas imperfeições devem ser entendidas como etapas necessárias do desenvolvimento, como a expressão de uma luta pela vida por homens ainda não completamente humanos, no contexto de uma natureza todopoderosa e uma sociedade que eles não podiam entender.

Para a humanidade libertada, as coisas imponentes que foram criadas seguirão sendo, apesar de tudo, um símbolo de sua fraqueza, mas também um monumento de sua força, e dignas de serem preservadas cuidadosamente. Hoje, é a burguesia que é dona de tudo, mas, para nós, representa a propriedade da coletividade, que libertaremos para entregá-las às gerações futuras, tão intactas quanto for possível.